

AS PIONEIRAS EM RÁDIO E TV EM MONTES CLAROS: NOVAS IDENTIDADES, DIFERENÇAS E DISSOLUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES

Autores: ANA CAROLINA FERREIRA DA SILVA;

Introdução:

O presente trabalho propõe refletir sobre os conceitos de identidade de gênero e diferença e a força que possuem dentro da estrutura social. Vinculados à ideia de representação, dentro de jogos de poder, o texto vem provocar a reflexão sobre até que ponto, quatro mulheres, pioneiras no jornalismo de rádio e TV na Montes Claros dos anos de 1980, quebraram paradigmas ou ainda ficaram presas a estereótipos que subjagam o sexo feminino. A Montes Claros dos anos de 1980, impulsionada por investimentos da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), no clima da redemocratização no Brasil e da entrada de mulheres em maior número no mercado de trabalho e em diferentes profissões, serão fatos utilizados para pensar questões que sob a luz dos conceitos de identidade. É o início de um caminho de compreensão da realidade feminina no rádio e na TV de Montes Claros.

Vanda Gonçalves, Rosângela Silveira, Marina Queirós e Lígia Tupy. Sem dúvida, como todo ser humano que traz, já no nome, a sentença do feminino, já ouviu, por diversas vezes: “Pare com isso! Isso não é coisa pra menina!”. Ainda bem, que assim como muitas outras mulheres no país, dos anos de 1980, a frase pode até ter tido o seu peso ao longo da vida, mas não foi levada a sério até as últimas consequências. Essas quatro mulheres protagonizaram o ineditismo na imprensa de rádio e TV. Pelas ondas da ZYD-7, a Rádio Sociedade, Vanda Gonçalves foi à primeira mulher a fazer parte da equipe de radiojornalismo, quarenta anos depois da inauguração da emissora. Delegacia, hospitais, escritórios, eventos políticos. Onde fosse necessário ir buscar a informação, lá iria Vanda. E na volta da missão cumprida, nem sempre o clima era dos melhores, como ela mesma relatou ao Jornal do Norte, em uma reportagem especial sobre o dia do radialista. Nesta reportagem, divulgada em setembro de 1980, ela diz amar a profissão mas que se ressentia da grosseria de alguns senhores que se sentiam no direito de cantá-la, uma vez que nunca tinham visto uma mulher naquela posição de radiojornalista. (Jornal do Norte, set. 1980)

Diferenças de gênero e suas inconveniências. Persistência, não à toa, é palavra feminina porque é algo que precisa estar inerente nas meninas que decidem quebrar as regras. Lígia, Marina e Rosângela. Cada uma com suas histórias particulares de superação. Elas embarcaram na novidade da novidade. Pela primeira vez, o norte de Minas teria uma emissora de TV e neste empreendimento, três mulheres contratadas, quase que simultaneamente para o departamento de jornalismo. O plano de implantação que já vinha sendo executado anos anteriores se concretizou em setembro de 1980.

Lígia assumiria a edição dos telejornais. Marina Queirós foi à primeira mulher a ir para frente das câmeras no programa “Tarde Mulher” que posteriormente se tornaria o “Revista Feminina”. Rosângela Silveira chegou depois para trabalhar como produtora do programa que Marina apresentava. A emissora, sob o comando do jornalista Elias Siufi, viu essas três funcionárias desenvolverem seus trabalhos ali dentro e com o passar do tempo conquistarem espaço, ganhos salariais^[2] e conquistar novas funções. Como foi o caso de Rosângela Silveira que além de ter assumido cargo de chefia, foi a primeira mulher a apresentar um telejornal da emissora, já que o programa que Marina apresentava não se tratava apenas de conteúdo jornalístico. Diante deste breve resumo, as inquietações. O que representou essa entrada feminina em um mercado até então fechado para elas e inexistente, o caso da TV, uma novidade regional? Surgiram novas representações sociais em Montes Claros? Elas construíram novas identidades? Ou precisaram enfrentar barreiras por conta das diferenças identitárias? Um programa como o “Tarde Mulher” não seria reforçar o estereótipo do lugar de fala feminino? Mas em contrapartida, a chegada a uma bancada de telejornal, por Rosângela Silveira, também não teria sido um paradigma rompido anos depois da inauguração da emissora? E quais foram as novas relações de poder estabelecidas com esta tomada de espaço pelo sexo feminino? No momento em que a pesquisa encontra-se, ainda não é possível responder a todos esses questionamentos, mas faz-se necessário promover uma reflexão prévia sobre reapresentação, identidade, diferença, jogos de poder e rupturas.

Material e métodos:

As fontes em princípio deste trabalho estão ligadas a notícias vinculadas no Jornal do Norte, no ano de 1980, que auxiliaram a compreender o contexto da época, além de arquivos de vídeo da Intertv Grande Minas, afiliada Rede Globo para que se fosse possível compreender o conteúdo com o qual essas mulheres trabalhavam. Documentos do departamento de recursos humanos possibilitou ter acesso a rendimentos e comparações. Obras de memorialistas também colaboraram para se ter um tipo de visão sobre estes fatos, além de uma dissertação de mestrado sobre a Rádio Sociedade. Todos os problemas e hipóteses apresentados na introdução tentarão ser respondidos ou comprovados, futuramente, com o desenvolver desta pesquisa de mestrado, onde a metodologia de História Oral será aplicada às quatro mulheres e também ao jornalista Elias Siufi, um importante personagem em comum na vida de todas elas. Mas em princípio este trabalho, destinado ao Fórum de Ensino, Pesquisa, Extensão e Gestão (Fepeg) 2017, propõe uma primeira reflexão a cerca destes fatos. Para isso, se detém a trabalhar o conceito de representação social, à luz de Stuart Hall e os sistemas simbólicos aos quais essas representações estão atreladas. E este simbolismo é uma forma de atribuição de sentido e por se dar dentro de um sistema cultural pré-estabelecido socialmente, é arbitrário e vinculado a relações de poder. Quem tem o poder de representar define identidades. E ao se tratar de poder, não há como não dialogar com Michel Foucault, historiador e filósofo que, de certa forma, influenciou a metodologia de outros autores citados neste trabalho, como Margareth Rago e Roger Machado. Este suporte teórico permite reflexões acerca do papel dessas quatro mulheres, bem como as consequências do pioneirismo delas e da produção de significado que este fato permite. Isso significa que duas questões precisam ser levadas em consideração: a cultura e o significado em si, conforme defende Stuart Hall (2012). “Só podemos compreender os significados envolvidos nesses sistemas se tivermos alguma ideia sobre quais posições-de-sujeito eles produzem e como nós, como sujeitos, podemos ser posicionados em seu interior” (HALL, 2012, p. 17).

Segundo Margareth Rago (1998), esta década e a seguinte, de 1990, as questões de gênero começaram a ser discutidas dentro da academia, espaço este já ocupado, em quantidades expressivas por mulheres na década de 1970.^[3] Conquistas muito divulgadas pela imprensa da época, inclusive a local. E essas quatro mulheres, ao ocuparem cargos na imprensa local, até então nunca ocupados pelo sexo feminino, fazem parte deste contexto nacional onde a representação feminina começa a passar por uma mudança. É neste jogo simbólico social que surgem os grupos, os estereótipos onde discursos são desenvolvidos, em jogos de verdade.

Conclusão:

A ousadia é o momento quando a corrente se rompe. É quando a insubmissão da vida encontra a porta de saída pro mundo que se quer viver. É quando a resistência cresce dentro de si a ponto de não caber apenas no pensamento e assim toma forma no real. Lígia, Marina, Rosângela e Vanda ousaram. E ousar não é simplesmente dizer não para papéis impostos. É, antes de tudo, dizer sim para pequenos desejos guardados em suas subjetividades. Afinal, as grades já foram colocadas nas janelas antes mesmo do nascimento, por uma questão de se manter privilégios. Beauvoir (2016) defende que o simbolismo existente na sociedade não é algo espontâneo “foi elaborado, assim como a linguagem, pela realidade humana que é *mitsein*^[4] ao mesmo tempo que separação, e isso explica que a invenção singular nele tenha seu lugar. (...)” (BEAUVOIR, 2016, p.76). A filósofa ainda defende que não se pode pensar ingenuamente que a espécie humana e todas as modificações que ocorrem com e por ela, são algo proveniente da espécie animal à qual ela pertence. Beauvoir ainda destaca que a humanidade é uma realidade histórica. “A sociedade humana é uma *antiphisis*^[5]; ela não sofre passivamente a presença da Natureza, ela a retoma em suas mãos” (BEAUVOIR, 2016, p. 10). Porém ainda será verificado se a carga horária era a mesma, se apresentadores como Felix Richard não iam à emissora apenas para

Uma política de identidade, com diferenças marcadas pode ser proveitosa para subverter categorias naturais impostas, desde que o essencialismo, seja ele biológico e natural ou histórico e cultural, característica muito presente neste conceito, não imobilize os sujeitos pertencentes a elas. Ao se firmarem nos cargos de jornalistas, essas mulheres, apesar de terem sido inseridas, em muitas vezes, em pautas ou programas que contribuam para o reforço de papéis femininos tradicionais, elas conseguiram revolver significados de simbolismos. Isso se dava quando elas não se submetiam ao assédio de fontes, como no caso exposto por Vanda ou quando conseguiam executar outros tipos de pauta ou funções, normalmente feitas por homens. Elas traziam consigo, pelo fato de ser mulher, o peso de ser o “Outro”, o segundo sexo, o oposto, mas se firmaram nos cargos mostrando que diferenças existiam e nem por isso eram impedidas de trilharem caminhos diferentes dos já determinados. É não permitir que sejam definidas dentro da ideia de que mulher é aquilo que o homem não é. Essas quatro mulheres se preocuparam em mostrar o que eram.^[6] Essas quatro jornalistas não assumiram a identidade normal atribuída ao sexo feminino. Ao se tornar a primeira radialista em quarenta anos de fundação de uma emissora de rádio e ao serem incluídas como funcionárias de um projeto pioneiro no norte de Minas que era a construção de uma emissora de televisão, essas mulheres estariam abrindo portas para outras futuras meninas que iriam compreender, de uma maneira bem mais fácil, que é possível exercer a função de jornalista ou qualquer outra que desejassem. Sob uma amplitude de espaço mundial, essa insubmissão das norte mineiras, pode até ser um pequeno fragmento dentro de um todo. Mas é mais um fragmento que contribuiu para um surgimento de novas identidades femininas neste contexto tão vasto da década de oitenta, na realidade da Montes Claros de 1980. Sob a ótica regional, elas eram o inédito. Conseguir ultrapassar as fronteiras do trivial é quebrar a normalização. Para Silva (2012) o termo normalização é um processo extremamente sutil de manifestação do poder na identidade e na diferença.

Essas quatro mulheres fizeram escolhas. Isso é liberdade. Rupturas. Atitudes. Elas não quiseram ser o que determinaram. Elas quiseram ser elas mesmas. Pesquisar este tema, historicizar este passado, é fazer, de alguma forma, com que essas vozes contidas nos anos de 1980, voltem a reverberar no século XXI.

Referências bibliográficas:

Periódicos

Jornal do Norte – Montes Claros, jan. 1980 a dez 1980.

CEDOC Intertv Grande Minas

BEAUVOIR, de Simone. O segundo sexo: fatos e mitos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BRASIL, Henrique de Oliva. História e desenvolvimento de Montes Claros. Belo Horizonte: Editora Lemi. 1983.

COLARES, Zezé e SILVEIRA, Yvonne. Montes Claros de Ontem e de Hoje. Montes Claros: Gráfica Giordani Editora Ltda. 1999.

HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn; SILVA, Thomas Tadeu (Org). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2012.

MACHADO, Roger. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Trad. Roberto Machado. 4^o Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

RAGO, Margareth. Descobrimos Historicamente o gênero. Campinas: Cadernos Pagu, 1998.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, Gênero e História. In: Masculino, Feminino, Plural. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.

[1] Este trabalho se encontra em análise no Comitê de ética. Resultado ainda não divulgado. O CAAE é 75118317.9.0000.5146 [2] Em pesquisa prévia feita aos emissora, nos anos de 1984 e 1985, os salários dessas três mulheres estavam entre os maiores pagos na empresa se comparados ao rendimento de outros funcionários apresentadores de telejornais. Porém ainda será verificado se a carga horária era a mesma, se apresentadores como Felix Richard não iam à emissora apenas para